

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

AS RELAÇÕES DE ISRAEL COM A AMÉRICA LATINA

Walid Abdulhay
Centro de Estudos & Consultorias
AL-Zaitouna



MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

O Monitor do Oriente Médio é um instituto de pesquisa política sem fins lucrativos que oferece serviços de informação, monitoramento de mídia e análise qualificada sobre a questão palestina. Também aborda outros assuntos do Oriente Médio. Sua produção é disponibilizada para jornalistas, acadêmicos e políticos que tenham interesse nas regiões do Oriente Médio e Norte da África.

O objetivo do MEMO é influenciar políticas e pautas públicas a partir da perspectiva da justiça social, direitos humanos e lei internacional. Isso é fundamental para obter igualdade, segurança e justiça em toda a região, especialmente na Palestina.

Título: As relações de Israel com a América Latina

Imagem de Capa: Bandeira de Israel rodeada por bandeiras de países latino-americanos [Hani Aldrsani/Monitor do Oriente Médio]

Publicado: Junho 2021

Copyright © MEMO Editora 2021

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio sem permissão prévia do proprietário dos direitos autorais.

Este relatório está disponível para:

Monitor do Oriente Médio www.monitordooriente.com



Centro de Estudos e
Consultoria Al-Zaytouna
Caixa-postal 5034-14
Beirute, Líbano
t: +96111803644
www.alzaytouna.net



Monitor do Oriente Médio
Avenida Conselheiro Carrão, 1077
Sala 706, Vila Carrão São Paulo
Estado de São Paulo, Brasil
t: +55 (11) 2093-0599
www.monitordooriente.com

AS RELAÇÕES DE ISRAEL COM A AMÉRICA LATINA

Walid Abdulhay

Walid Abdulhay obteve o doutorado em 1980 e trabalhou em várias universidades árabes. Na Jordânia, foi chefe do Departamento de Ciências Políticas na Universidade de Yarmouk, membro do Conselho Superior de Mídia, do Conselho de Recursos, do Conselho de Curadores do Centro Nacional de Direitos Humanos e do Conselho de Curadores da Universidade Al-Zaytouna. Publicou mais de vinte livros, notadamente: *Estudos de Futuro em Ciência Política*, *Estudos de Futuro em Relações Internacionais*, *Estudos de Futuro na Escola Jordaniana*, *Currículo de Estudos de Futuro e suas Aplicações no Mundo Árabe*, *O Lugar Futuro da China 1978- 2010*, *Irã: O Futuro do Prestígio Regional 2020*, *O Futuro do Pensamento Sionista*, *A Transformação das Mulheres Muçulmanas nas Teorias das Relações Internacionais - Um Estudo de Futuro*, e *Obstáculos à Ação Árabe Conjunta*. Ele traduziu vários livros e estudos do idioma inglês para o árabe, além de ter publicado mais de sessenta artigos em periódicos.



INTRODUÇÃO

A América Latina é representada na Organização das Nações Unidas por 33 Estados membros, constituindo 17% do corpo da entidade. A região geopolítica consiste em três sub-regiões: Caribe, América Central e América do Sul, e no total concentra 8,4% da população mundial e representa 8,1% do PIB global, de acordo com as estimativas do Fundo Monetário Internacional^[1]

As relações de Israel com a América Latina podem ser abordadas em várias etapas e aspectos, divididos neste documento em duas partes. A primeira apresenta um resumo histórico, enfocando três fases: o reconhecimento mútuo; o período de transições no continente; os reflexos na região das normalizações entre países do mundo árabe e Israel. Já o futuro dessas relações dependem de alguns fatores, a serem tratados em seguida: as forças políticas rivais na América Latina; as relações econômicas; as relações militares; o papel das minorias árabes e judaicas na América Latina. Ao final, o autor apresenta algumas conclusões, recomendações para o incremento de relações solidárias com a Palestina, notas e referências bibliográficas.



A PRIMEIRA FASE: RECONHECIMENTO MÚTUO ^[2]



Talvez a primeira contribuição diplomática dos países latino-americanos ao conflito árabe-sionista tenha sido por meio do Comitê Especial da ONU sobre a Palestina, que examinou a questão da partição da Palestina em 1947. A Guatemala e o Uruguai faziam parte dessa comissão e eram fortes apoiadores da decisão de divisão.

A votação nas Nações Unidas teve o apoio de 13 países latino-americanos (entre 20 países na época) e Cuba, que se opôs a ela. O número de apoiadores latino-americanos de Israel nas Nações Unidas em 1949 subiu para 18 países. ^[3] Posteriormente, esse reconhecimento diplomático se manteve. A Argentina, sob o governo de Juan Perón, se absteve de votar no projeto de partição, mas foi o primeiro país entre os latino-americanos a abrir uma embaixada em Tel Aviv, seguida pelo Brasil e Uruguai, enquanto a Guatemala foi a primeira a abrir uma missão diplomática em Jerusalém em 1955. Na década de 1960, havia 14 embaixadas latino-americanas em Israel, dez delas em Jerusalém. “As relações de alguns países latino-americanos com Israel foram afetadas como resultado da aproximação de alguns regimes da região com as tendências nasseristas no Egito, mudanças que foram claras e evidentes na Argentina durante o primeiro período do governo peronista, de 1946-1955. ^[4]

A primeira tensão aparente entre o continente latino-americano e Israel ocorreu em 1960, quando a inteligência israelense realizou o sequestro do oficial nazista Adolf Eichmann da Argentina, que encaminhou o assunto às Nações Unidas e qualificou o ato israelense como ilegal. Israel executou Eichmann, queimou seu corpo e o jogou no



Adolf Eichmann

mar em 1962. ^[5] Depois da guerra de 1967, 20 países latino-americanos apresentaram um projeto para as Nações Unidas pedindo a retirada de Israel dos territórios que acabava de ocupar na região e o fim do estado de guerra entre as partes, com base na coexistência e na boa vizinhança. O projeto não foi aceito, mas constituiu um dos antecedentes em que se baseou a resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas. A famosa decisão, nº242.

A SEGUNDA FASE: TRANSIÇÕES E FLUTUAÇÕES NOS RELACIONAMENTOS ^[6]

Uma onda de mudanças nos sistemas políticos varreu a América Latina em direção à esquerda em vários graus durante o período de 1968 ao início de 1990 no Peru, Chile, Argentina e Nicarágua, e esses países tenderam para o movimento não-alinhado (MNA) junto com Cuba, e, com ela, os quinze países que surgiram no Caribe no mesmo período.

A política desses países como um todo tornou-se hostil à política israelense e mais próxima das tendências árabes e palestinas. No entanto, algumas das relações de Israel, especialmente com os países da América Central, se mantiveram, e isso foi acompanhado pelo incentivo dos Estados Unidos para que Israel fornecesse ajuda militar a esses países, especialmente aqueles que conheceram alguma instabilidade interna, como Nicarágua, El Salvador, Guatemala, Honduras e Costa Rica.

A crise do petróleo e seus preços na pós guerra árabe-israelense em 1973 desempenharam um papel na maior aproximação árabe-latino-americana, e alguns países cortaram suas relações diplomáticas com Israel (Cuba 1973, Guiana 1974 e Nicarágua 1982). Hove vários fatores por trás disso, entre os quais:

- Alguns países latino-americanos tiveram que acompanhar as políticas árabes em relação a Israel para garantir que os árabes levassem em conta os seus interesses na crise do petróleo (e isso ficou evidente no Brasil e em outros países não petrolíferos).

- Alguns países produtores de petróleo da América Latina (Venezuela, Equador e México) encontraram maior coordenação com os países árabes por meio da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP).



As relações árabes com a América Latina têm se fortalecido por meio de um papel relativo desempenhado pelos imigrantes árabes neste continente. Os resultados ficaram evidentes na aproximação árabe-latino-americana quando esses países permitiram a abertura de escritórios para a Organização para a Libertação da Palestina (Cuba, Nicarágua, Peru,

México, Brasil e Bolívia), ^[7]

Vários países latino-americanos apoiaram o projeto de resolução internacional sobre o sionismo como um movimento racista (Brasil, Cuba, México, Granada e Guiana), sendo que 10 países se opuseram, enquanto 11 países se abstiveram de votar. Os países latino-americanos que tinham embaixadas em Jerusalém responderam à rejeição do Conselho de Segurança da ONU a uma decisão israelense de anexar Jerusalém em 1980, e transferiram suas embaixadas para Tel Aviv, Mas alguns deles retornaram sua embaixada a Jerusalém (Costa Rica em 1982 e El Salvador em 1984). ^[8]

A TERCEIRA FASE: O REFLEXO DA NORMALIZAÇÃO ÁRABE NA POSIÇÃO LATINO-AMERICANA ^[9]

Com a conclusão do tratado egípcio-israelense em 1979, as rachaduras na diplomacia árabe aumentaram, e então o círculo de reconciliação com Israel no mundo árabe se expandiu, o que forneceu desculpas para os países latino-americanos reverem suas posições em relação a Israel. Conforme os países latino-americanos se abriam aos israelenses rapidamente, começaram as visitas e trocas mútuas entre líderes israelenses e alguns líderes desta região. No início dos anos 90, Israel tinha 18 embaixadas na América Latina e começou a fornecer assistência técnica para alguns desses países e a hospedar centenas de estagiários latino-americanos em várias áreas (especialmente da América Central e Caribe).

Alguns pesquisadores acreditam que o ex-chanceler israelense Avigdor Lieberman teve um papel importante na transferência do patamar das relações latino-americanas com Israel desde 2009, quando visitou Brasil, Argentina, Peru e Colômbia. O principal motivo da visita foi “conter a crescente influência iraniana naquela região”, aproveitando a ocasião do aniversário do atentado a bomba em um centro judaico na Argentina em 1994, em que dezenas de pessoas foram mortas, e do qual Irã e o Hezbollah foram acusados. Benjamin Netanyahu reforçou esta tendência, ao visitar a América Latina quatro vezes durante o período 2017-2020, com foco em alguns países como Brasil, México e Argentina. ^[10]



Avigdor Lieberman

A chegada de Jair Bolsonaro à presidência do Brasil marcou uma virada a favor das correntes de direita que apoiam Israel, e essa mudança nas posições dos mais importantes e poderosos países latino-americanos do continente surgiu quando o brasileiro endossou as posições do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que considerou Jerusalém como a capital unificada de Israel. Ele

prometeu transferir a embaixada brasileira para lá e visitou Israel em 2019, enfatizando um claro viés em favor da posição israelense, consistente com as posições da corrente evangélica (conservadores protestantes), e um afastamento das posições tradicionais brasileiras. Mas Bolsonaro enfrentou pressão de economistas brasileiros que viram que a mudança da embaixada para Jerusalém poderia prejudicar os interesses comerciais do Brasil com os árabes. O Brasil está no topo da lista mundial dos países que exportam carne para o mundo árabe, comércio estimado em cinco bilhões de dólares anuais, dos 16 bilhões de dólares que somam todas as suas exportações para o Oriente Médio. Já as vendas para Israel não excedem 3% do comércio total do Brasil com o resto do Oriente Médio. ^[11] No entanto, a recente onda de normalização árabe deu a Bolsonaro uma margem muito mais ampla de movimento nessa direção. ^[12]



Charge por: Aroeira

SEGUNDA PARTE

O FUTURO DAS RELAÇÕES LATINO-AMERICANAS COM ISRAEL

As principais variáveis na formação das orientações políticas latino-americanas em relação a Israel podem ser identificadas nos seguintes fatores: ^[13]

1. Forças políticas rivais na América Latina

Essas forças são representadas pelo evangelismo, o establishment militar e as correntes esquerdistas.



CENTRAL
INTELLIGENCE
AGENCY

CIA

O surgimento da “Teologia da Libertação” católica na década de 1960 constituiu uma preocupação para os Estados Unidos, especialmente porque essa corrente se concentra nas dimensões econômicas e sociais e em uma tendência que

os Estados Unidos consideram de esquerda. Em resposta, o movimento evangélico na América Latina passou a receber apoio de órgãos oficiais dos Estados Unidos, incluindo a Agência Central de Inteligência (CIA), com o objetivo de enfrentar juntos a tendência da Teologia da Libertação e os esquerdistas. ^[14]

Embora a característica geral da América Latina seja o catolicismo, vários estudos indicam que, durante o período de 1995 a 2017, o catolicismo diminuiu em 10 países a taxas que variam entre 22-39%, especialmente nos países da América Central, enquanto uma porcentagem significativa da população migrou para os evangélicos, em particular, em alguns países, como Guatemala (41%), Honduras (39%), Nicarágua (32%), Brasil (30%) e Panamá e Costa Rica (25%). A Guatemala tornou-se o primeiro país em que os evangélicos mantiveram as rédeas do poder por mais de uma vez (nas décadas de 1980 e 1990). Vale ressaltar que o declínio da atratividade da teoria marxista, o declínio do papel da Igreja Católica, sem falar de outros fatores, como o fracasso das tentativas de de-

mocratização na América Latina e a continuidade do papel do establishment militar, contribuíram para a promoção do crescimento dos evangélicos, especialmente com o apoio de outras correntes protestantes, a mais importante das quais são os pentecostais e neopentecostais. ^[15] A maior parte da expansão deste movimento cristão no mundo ocorre na América Latina, especialmente na América Central. ^[16]

evangélicos, especialmente esta corrente pentecostal, encontram-se com as tradições judaicas, através da congruência entre concepções religiosas comuns, como a volta de Cristo, e indicações de seu retorno para reconstruir o Templo, o que se reflete no simbolismo de Shavuot ou Pentecostes no Cristianismo. ^[17]

No entanto, isso não nega a existência de correntes entre as elites latino-americanas que se opõem às políticas israelenses, o que ficou evidente na assinatura de 320 líderes políticos e intelectuais que exigiram a imposição de sanções econômicas a Israel caso anexasse a Cisjordânia. ^[18]

É notável que as relações israelenses com os países latino-americanos são muito afetadas pela natureza da corrente política dominante. Por exemplo, em 2008, o governo boliviano de esquerda cortou os laços com Israel após a agressão israelense a Gaza, mas os restaurou em 2019, depois que o presidente boliviano de esquerda, Evo Morales, deixou o poder, seguindo para o México, após agitação política. ^[19]

2. Relações Econômicas

Os canais de vínculo comercial entre a América Latina e Israel se baseiam no seguinte: ^[20]

A. Uma zona de comércio com o México foi assinada no ano 2000, e desenvolveu-se a tal ponto que, desde o ano de sua criação até 2015, o comércio entre as duas partes aumentou a uma taxa de 300%, chegando a 700 milhões de dólares. Em 2018, foi acordado que uma empresa israelense construiria uma usina de dessalinização de água e, de acordo com o projeto, seria concluída em 2021.

B. Um acordo comercial com o Mercado Comum do Sul (Mercosul) em 2005, que inclui Argentina, Brasil, Uruguai, Paraguai e a Venezuela, que aderiu em 2012. Este grupo foi formado em 1991 e depois expandido, com uma produção total estimada, em 2019, em cerca de US \$ 3,4 trilhões.

C. Em 2014, Israel tornou-se membro observador da Aliança do Pacífico, que inclui México, Chile, Colômbia e Peru. As exportações de Israel para esses países em 2014 totalizaram cerca de US\$ 900 milhões.



D. O comércio total de Israel com a América Central e do Sul (excluindo o México) atingiu quase US\$ 1,5 bilhão em 2017, um aumento de US\$ 100 milhões em relação a 2016.

3. Relações militares

A indústria militar israelense começou a assumir um caráter comercial nos mercados internacionais em 1967 e se desenvolveu rapidamente com a ajuda do Ocidente. A América Latina nos estágios iniciais formou um dos mercados mais importantes para esta indústria que, até 1981 esteve entre US\$ 1,2 e 2 bilhões, incluindo 18 países latino-americanos. [21]

Entre 2012 e 2017, as vendas de armas israelenses para a América Latina caíram de US\$ 604 milhões para US\$ 550 milhões. Isso se deve à queda nas compras da Colômbia, que era a maior compradora. Com o acordo entre o governo e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), de oposição, a necessidade de armas israelenses diminuíram.

É perceptível que o declínio israelense no mercado de armas para a América Latina ocorre em um momento em que os gastos com defesa nos países latino-americanos aumentaram, atingindo 60,4 bilhões em 2010. Três países são os que mais aumentaram seus

gastos, a saber, a Venezuela, Chile e Equador. Mas a participação de Israel nas vendas de armas para esses países durante o período de 2003 a 2007 representou uma porcentagem modesta na faixa de 2% para a Venezuela e 3% para o Chile. [22]

Em 2018, a porcentagem das vendas militares de Israel para a América Latina foi de 6% de suas vendas militares totais, o equiva-



Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC)

lente a 450 milhões de dólares. [23]

No entanto, essa porcentagem diminuiu para 4% em 2019, [24] observando que Israel ocupa o oitavo lugar no mundo em vendas de armas, com 3,1% durante o período de 2014-2018, e um aumento de 1% sobre a média do período de 2009 -2013. [25] Os anos de 2017, 2018 e 2019 testemunharam um declínio constante de 9,2 bilhões de dólares para 7,5 bilhões de dólares para 7,2 bilhões de dólares, respectivamente. Chama a atenção que, entre os itens da venda de armas israelenses para a América Latina, os dispositivos espões foram os únicos cujo valor aumentou de 8% para 14% no mesmo período. [26]

4- O papel das minorias árabes e judaicas na América Latina

De acordo com as estatísticas disponíveis, o número de judeus na América Latina é de cerca de 470 mil, a maioria deles concentrada na Argentina, Brasil e México, podendo diminuir para 460 mil em 2050, apesar do aumento da população nesses países, especialmente se a o ritmo atual de imigração para Israel continuar como está. [27]

As relações de Israel com a América Latina foram afetadas pela tendência de esquerda a que nos referimos, e essa onda, de 1999 a 2020, varreu países importantes como Brasil, Venezuela, Argentina e outros 12. América Latina agora reflete esse período. [28] Apesar do refluxo dessa onda no início da segunda década do século atual, ela reapareceu no período de 2018-2020 no México, Panamá, Argentina e Bolívia. Essas transformações, para não mencionar a posição cubana conhecida por sua postura anti-Israel desde 1960, constituem um obstáculo para a papel crescente do lobby sionista. [29]



Grupos de pressão israelenses estão tentando conter a corrente esquerdista que apoia a causa palestina, e os mais proeminentes nesse sentido são a Confederação Israelita do Brasil, a Asociación Mutual Israelita Argentina, a Delegación de Asociaciones Israelitas Argentinas e a Comunidad Judía de Chile.

Quanto às comunidades árabes, os números das várias fontes variam muito, pois as estimativas estão entre 13-30 milhões de pessoas^[30], a maioria das quais são de origem libanesa, síria e palestina, junto com outros árabes. O número de palestinos é cerca de 600.000, a maioria no Chile (300 mil), El Salvador (cerca de 100 mil), Honduras (cerca de 80 mil) e Brasil (cerca de 50 mil), que é próximo ao total de judeus (450 -500 mil pessoas). Mas o nível de coordenação entre os judeus é mais coerente do que o dos árabes, e a classe alta de árabes está mais próxima das correntes de direita, o que os torna menos interessados na questão palestina. A OLP investiu em um período de transformações políticas pró-democracia, mas sua atividade diplomática diminuiu, especialmente depois que os Acordos de Oslo enfraqueceram essa atividade, apesar das mudanças de esquerda que continuaram depois disso .

A comunidade palestina no Chile é a mais ativa, especialmente após a segunda intifada, quando várias organizações da sociedade civil apareceram, como a Palestine Palin 2000 Foundation ou a Fundación Palestina Belen 2000, a Federación Palestina e o Grupo Interparlamentar Chile-Palestina. Cerca de 600 acadêmicos brasileiros e chilenos enviaram petições em 2016 exigindo o fim da cooperação com Israel, após esforços de vários órgãos, especialmente a partir da campanha de Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS). Pesquisas de opinião entre estudantes latino-americanos não árabes indicam porcentagens significativas, que variam entre 56-64%, dos que exigem parar de cooperar com universidades israelenses. Uma série de estudos também indica a necessidade de focar a atividade política árabe em relação ao papel das empresas israelenses de segurança privada nas sociedades dos países latino-americanos. [31]



CONCLUSÃO:

As forças que apoiam Israel na estrutura política da América Latina são representadas por três grupos: os evangélicos, as correntes militaristas de direita e os lobistas judeus. Essas forças se confrontam com a oposição a Israel formada por correntes de esquerda e elites culturais. Ao lado do grande peso do papel americano, o comércio israelense, a venda de armas, o apoio a movimentos de direita e o emprego

de empresas de segurança privada ^[32] são todos fatores que aumentam a influência sionista na América Latina.

A corrente de resistência (pró-Palestina) deve desenvolver uma estratégia com base no seguinte:

1. Construção de pontes com as correntes de esquerda na América Latina, principalmente por terem uma importante base de massa. Considerando a absolvição do ex-presidente brasileiro Lula da Silva Luiz de acusações de corrupção em março de 2021, fica aberto o caminho para seu retorno à disputa pela presidência nas próximas eleições brasileiras em 2022. ^[33] Isso envolve a mobilização de votos de brasileiros de origem árabe para apoiá-lo no enfrentamento do presidente Bolsonaro, que é pró-Israel.



Luiz Lula da Silva

2. Organização e apoio a grupos de pressão e sindicatos árabes, especialmente em locais de concentração dessas comunidades, para interlocução e para orientar-se por suas percepções de como lidar com os países e sociedades latino-americanas, em virtude de sua longa experiência.

3. Estudos especializados no acompanhamento da atividade política, econômica e militar israelense nesta região, para fins estratégicos.



NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Independent Commodity Intelligence Services website, 13/10/2020, <https://www.icis.com/explore/resources/news/2020/10/13/10562990/latin-american-gdp-to-fall-by-8-1-in-2020-imf>
- [2] Edy Kaufman et.al., *Israel-Latin American Relations* (Transaction Books, Brunswick, N.J., 1979), p. 133; e no website Encyclopedia.com, <https://www.encyclopedia.com/humanities/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/israeli-latin-american-relations>
- [3] “The Origins and Evolution of the Palestine Problem: 1917-1988: Part II,” Preparado e orientado pelo Comitê dos Direitos Inalienáveis do Povo Palestino, website de UNISPAL, Divisão dos Direitos Palestinos (DPR na sigla em inglês), 30/6/1979, <https://unispal.un.org/DPA/DPR/unispal.nsf/9a798adb-f322aff38525617b006d88d7/d442111e70e417e3802564740045a309?OpenDocument#In%20favour%3A%20Australia%2C%20Belgium%2C%20B>
- [4] Lily Pearl Balloffet, *Argentine and Egyptian History Entangled: From Perón to Nasser*, *Journal of Latin American Studies*, Cambridge University Press, vol. 50, Issue 3, August 2018, pp. 549-577.
- [5] Eli M. Rosenbaum, “The Eichmann Case and the Distortion of History,” *Loyola of Los Angeles International and Comparative Law Review (ILR)*, Loyola Marymount University and Loyola Law School, vol. 34, 4/1/2012, <https://digitalcommons.lmu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1683&context=ilr>
- [6] Ronaldo Munck, *Latin American Perspectives, Israel, Palestine, and Latin America: Conflictual Relationships*, vol. 2, no. 1, May 2019, pp. 7-9.
- [7] É necessário destacar que as relações de Cuba com “Israel” variaram entre normais e tensas, já que Cuba foi o único país latino-americano que se opôs à resolução de partição nas Nações Unidas, mas depois reconheceu “Israel” em 1949 e abriu uma missão diplomática em 1957. Depois que Fidel Castro chegou ao poder em 1959, ele nomeou seu embaixador em “Israel” em 1961, e manteve (junto com a Romênia) suas relações diplomáticas com “Israel”, ao contrário do resto do os países do bloco socialista após a guerra de 1967, mas eles cortaram essas relações após a guerra de 1973 entre “Israel” e os países árabes. As empresas israelenses e a emigração de alguns judeus cubanos para “Israel” testemunharam alguma atividade, e Fidel se reuniu com frequência com líderes israelenses durante a década de 1990. Para obter mais detalhes: Josefín Dolsten, *7 moments that defined Castro’s relationship with Jews and Israel*, website of Jewish Telegraphic Agency, 28/11/2016, <https://www.jta.org/2016/11/28/politics/7-moments-that-defined-castros-relationship-with-jews-and-israel>
- [8] *Israel’s International Relations: Cooperation with Latin America*, Jewish Virtual Library (website), <https://www.jewishvirtuallibrary.org/israel-s-cooperation-with-latin-america>
- [9] Charlie Hoyle, *Faith and foreign policy: Inside Israel’s battle for influence in Latin America*, website The New Arab, 20/12/2019, <https://english.alaraby.co.uk/english/indepth/2019/12/20/inside-israels-battle-for-influence-in-latin-america>; Grace Wermenbol, *Israel’s Latin America push*, Atlantic Council website, 8/4/2019, <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/new-atlanticist/israel-s-latin-america-push>
- [10] Lieberman Trip to South America Aimed at Curbing Iran Influence, *Haaretz newspaper*, 20/7/2009, <https://www.haaretz.com/1.5079648>
- [11] Ana Mano e Jake Spring, *Brazil risks Middle East trade with Israel embassy move*, Reuters News Agency, 8/11/2018, <https://www.reuters.com/article/us-brazil-israel-trade-analysis/brazil-risks-middle-east-trade-with-israel-embassy-move-idUSKCN1ND33T>

[12] Chase Winter, *Faith and foreign policy: Brazil’s Bolsonaro in Israel before election*, Deutsche Welle (DW) website, 31/3/2019, <https://www.dw.com/en/faith-and-foreign-policy-brazils-bolsonaro-in-israel-before-election/a-48134718>

[13] *Israel’s International Relations: Cooperation with Latin America*, Jewish Virtual Library website.

[14] <https://web.archive.org/web/20180828134247/https://medium.com/@juliosevero/the-religious-war-between-cia-and-kgb-in-latin-america-50d7ade40b95>

[15] Claudia Zilla, “Evangelicals and Politics in Latin America,” SWP Comment, German Institute for International and Security Affairs (SWP), October 2018, no. 46, <https://www.swp-berlin.org/en/publication/evangelicals-and-politics-in-latin-america-1>; Carlos Malamud, *The political expansion of evangelical churches in Latin America*, Elcano website, 12/12/2018, http://www.realinstitutoelcano.org/wps/portal/rielcano_en/contenido?WCM_GLOBAL_CONTEXT=/elcano/elcano_in/zonas_in/latin+america/ari131-2018-malamud-political-expansion-evangelical-churches-latin-america; Brittany Smith, *More Than 1 in 4 Christians Are Pentecostal, Charismatic*, The Christian Post website, 21/12/2011, <https://www.christianpost.com/news/more-than-1-in-4-christians-are-pentecostal-charismatic-65358>

A Igreja Pentecostal é referida como uma tendência do Protestantismo, que surgiu na primeira década do século XX, e está ligada a uma ocasião religiosa referida na Bíblia, então o Novo Movimento Pentecostal surgiu com base em interpretações religiosas sobre a natureza do Cristo. Eles acreditam que um indivíduo pode falar uma língua estrangeira sem aprendê-la, por meio de um presente de Deus. É uma das seitas religiosas que mais cresce no mundo, de acordo com pesquisas de opinião.

[16] David Masci, *Why has Pentecostalism grown so dramatically in Latin America?*, Fact Tank website, 14/11/2014, <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2014/11/14/why-has-pentecostalism-grown-so-dramatically-in-latin-america>

[17] <https://www.kansascity.com/living/religion/article21592089.html>
Veja também o papel do movimento protestante pentecostal na expansão da influência e atividade do sionismo cristão em:

Joseph Williams, *The Pentecostalization of Christian Zionism*, *Church History Journal*, Cambridge University Press, vol., Issue 84, 5/3/2015, <https://www.cambridge.org/core/journals/church-history/article/abs/pentecostalization-of-christian-zionism/06B1E3FC5DCBC4FD2B6AE361DAACB197>

[18] *320 officials from Latin America: Sanction Israel if it annexes West Bank*, Middle East Monitor website (MEMO), 3/7/2020, <https://www.middleeastmonitor.com/20200703-320-fficials-from-latin-america-sanction-israel-if-it-annexes-west-bank>

[19] *Bolivia restores diplomatic ties with Israel after more than a decade*, The New Arab, 29/11/2019, <https://english.alaraby.co.uk/english/news/2019/11/28/bolivia-restores-diplomatic-ties-with-israel>

[20] Eran Azran, *Israeli Government Fund to Direct Investement Toward Latin America*, *Haaretz*, 5/3/2019, <https://www.haaretz.com/israel-news/business/israeli-government-fund-to-direct-investment-toward-latin-america-1.6995588>; *Israel’s International Relations: Cooperation with Latin America*, Jewish Virtual Library website; e *Mercosur: South America’s Fractious Trade Bloc*, Council on Foreign Relations website, 10/7/2019, <https://www.cfr.org/backgrounder/mercosur-south-americas-fractious-trade-bloc>

[21] Bishara Bahbah e Linda Butler, *Israel and Latin America: The Military Connection* (UK: Palgrave Macmillan e Institute for Palestine Studies, 1986), pp. 3-4, <https://www.palgrave.com/gp/book/9781349091959>

[22] Rafael Duarte Villa e Juliana Viggiano, *Trends in South American weapons purchases at the beginning of the new millennium*, *Revista Brasileira de Política Internacional*, vol. 55, no. 2, July/Dec. 2012, Scielo website, https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292012000200003&script=sci_arttext&tlng=en

- [23] Toi Staff, Israeli defense exports down to \$7.5 billion in 2018, ministry says, 17/4/2019, <https://www.timesofisrael.com/israeli-defense-exports-down-to-7-5-billion-in-2018-ministry-says>
- [24] Israel reports drop in arms sales, but exports of spy tech nearly double, Middle East Eye website, 22/6/2020, <https://www.middleeasteye.net/news/israel-arms-sales-fall-exports-spy-tech-nearly-double>
- [25] Pieter Wezeman, Aude Fleurant, Alexandra Kuimova, Nan Tian e Siemon Wezeman, Trends in International Arms Transfers, 2018, SIPRI Fact Sheet, March 2019, https://www.sipri.org/sites/default/files/2019-03/fs_1903_at_2018_0.pdf.
- [26] Israel reports drop in arms sales, but exports of spy tech nearly double, Middle East Eye website, 22/6/2020.
- [27] The Jewish Population in the World-Facts, Public Opinions International website, <https://www.publicopinions.net/index.php/news-updates/233-the-jewish-population-in-the-world-facts.html>; e Vital Statistics: Jewish Population of the World (1882 – Present), Jewish Virtual Library, <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jewish-population-of-the-world#america>
- [28] Cecilia Baeza, Latin America's turn to the right: implications for Palestine, Open Democracy website, 13/1/2017, <https://www.opendemocracy.net/en/north-africa-west-asia/latin-america-s-turn-to-right-implications-for-palestine>
- [29] Will South America's "pink tide" return?, The Economist website, 5/9/2019, <https://www.economist.com/the-americas/2019/09/05/will-south-americas-pink-tide-return>; e Uma Entrevista com Álvaro Garcia Linera, Latin America's Pink Tide Isn't Over, Jacobin website, 20/10/2019, <https://jacobinmag.com/2019/10/bolivia-election-alvaro-garcia-linera-evo-morales>
- [30] Rasha Dahrouj, Latin Arabia, Success of Arab diaspora in Latin America, Presentation, 25/11/2017, https://docs.google.com/presentation/d/1_EO6y8cgIB7sJPHUhc14G8szsaVfGXw3NQxRrPxeWc/edit#slide=id.g289c3c07d7_0_162
- [31] Cecilia Baeza, Latin America's turn to the right: implications for Palestine, Open Democracy website, 13/1/2017; e também Walid 'Abd al-Hay, Political Analysis: Israel and the Private Security Companies, Al-Zaytouna Centre for Studies & Consultations website, 27/1/2020, <https://eng.alzaytouna.net/2020/01/27/political-analysis-israel-and-the-private-security-companies/#.YCLFaXQzbIU>
- [32] Walid 'Abd al-Hay, Political Analysis: Israel and the Private Security Companies, Al-Zaytouna Centre for Studies & Consultations, 27/1/2020.
- [33] Lula da Silva: O Supremo Tribunal absolve o ex-presidente brasileiro de acusações de corrupção, BBC, 03/08/2021, ver: <https://www.bbc.com/arabic/world-56328940>